



Zé Pelintra



com a sua bênção, Seu Zé...



LEIA **ESTE E-BOOK** NOS DISPOSITIVOS:



[facebook.com/portaltom7](https://www.facebook.com/portaltom7)



[instagram.com/portaltom](https://www.instagram.com/portaltom)

SOBRE A OBRA:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do Portal TOM, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos espirituais ou para aprendizado individual de cada leitor. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

SOBRE NÓS:

O Portal TOM e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público de propriedade espiritual e cultural de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento deve ser acessível e livre a toda e qualquer pessoa.

Futuramente, você poderá encontrar mais e-Books em nosso site:

www.portaltom.com.br

FICHA TÉCNICA:

Realização: Portal TOM

Compilado: Marcel Oliveira

Dir. de conteúdo: Portal TOM

Dir. de Design: Nikolas Peripolli

Diagramação: Daniel Cattaruzzi

Revisão: Mariana Brasil



Saravá, Gen Zé!



Índice

- 08 Introdução
- 09 História de Zé Pelintra e dos discípulos consagrados à ele
- 10 A formação da Jurema
- 17 A formação de Pernambuco
- 23 A vida mundana de Zé Pelintra
- 25 Maria Luziara, o grande amor de Seu Zé
- 31 Iniciação na Jurema Sagrada
- 35 Os Discípulos de Seu Zé
- 39 Zé Pelintra na Umbanda
- 43 Ferramentas de Culto
- 44 Nossa Senhora do Carmo
- 45 Aparição de Nossa Senhora do Carmo a São Simão
- 47 O Escapulário
- 49 O hábito marrom de Nossa Senhora do Carmo
- 50 O manto branco de Nossa Senhora do Carmo
- 51 O Menino Jesus no colo de Nossa Senhora do Carmo



- 52 A coroa de Nossa Senhora do Carmo
- 53 Os pés de Maria sobre o mundo
- 54 Oração a Nossa Senhora do Carmo
- 55 Zé Pelintra e Nossa Senhora do Carmo
- 56 História de Santo Antônio
- 57 Antônio torna-se Franciscano
- 59 Falecimento
- 60 Milagres de Santo Antônio
- 62 Oração a Santo Antônio
- 63 Responsório de Santo Antônio.
- 65 Culto à Zé da Luz
- 67 Firmezas e Assentamentos de Zé Pelintra na Umbanda
- 68 Assentamento de esquerda na força de Zé Pelintra para templos umbandistas
- 73 Assentamento de Zé Pelintra na vibração da Linha das Almas para templos umbandistas
- 76 Firmeza para Zé Pelintra para se fazer em casa
- 80 Bibliografia



Introdução

O objetivo deste pequeno livro é dar condições para o culto ao Sr. Zé Pelintra de forma simples e direta, sem tabus ou receios, seja o irmão que nos lê médium incorporante desta amada entidade ou não.

Este e-book, no entanto, não tem por meta esgotar o assunto. Mesmo tentando colocar aqui o máximo de informações, sabemos que o mistério desta controvertida entidade é tão grande dentro e fora da Umbanda que sempre teremos mais a escrever.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Saravá, Sr. Zé Pelintra!



História de Zé Pelintra e dos discípulos consagrados à ele

A história de seu Zé começa dentro da tradição da Jurema Sagrada, iniciada há muitos séculos pelos nativos do continente americano. A Jurema se torna um legado dos afro-ameríndios muito tempo depois, quando os portugueses começaram a trazer para cá africanos escravizados.

Antes de falarmos do Mestre Zé Pelintra e das maneiras de cultuá-lo, acreditamos ser necessário dar um embasamento histórico para entendermos essa entidade que, afinal de contas, foi um dia um homem que nasceu e caminhou por onde hoje é Pernambuco.



A formação da Jurema

Para entender a tradição à que seu Zé foi consagrado, temos que retornar à pré-história, quando o homem descobre a utilização do fogo e passa viver em comunidades próximas a cavernas. É nesse momento que surge o Politeísmo, o culto a diversas divindades. Esses povos tinham sacerdotes que ficaram conhecidos para nós como Xamãs ou Pajés, e eram eles os responsáveis por cultuar as Divindades da Natureza e os Ancestrais, pedindo caça farta e curas em nome de seus povos aos deuses da água, dos ventos, dos raios, tempestades, do Mar, etc. Na África, por exemplo, os yorubás chamavam essas divindades de Orixás.

As sessões de Pajelança, com seus benzimentos e garrafadas de remédios, eram, na realidade, sessões espiritistas. Na maioria das tradições xamânicas nativas, quando um xamã morre ele “se encanta”, se torna uma entidade ativa no mundo dos Encantados



e dos Deuses, de onde segue atuando pelo seu povo. Um Encantado pode ser invocado ou contatado através de cerimônias, quando retorna ao mundo dos mortais para conceder curas e conselhos.

Na América do Sul, muitos desses povos viviam próximos aos grandes rios e no litoral, se isolando nos montes e matas em povoados que chegavam por vezes a ter milhares de pessoas. O primeiro contato que esses nativos tiveram com a civilização branca foi em 1498, sob a forma de uma frota de 08 navios comandados pelo português Duarte Pacheco Pereira, que atingiu o litoral brasileiro e chegou a explorá-lo onde hoje são os Estados do Pará e Maranhão.

Alguns europeus ficaram morando no novo mundo em pequenos assentamentos portuários a serviço da coroa portuguesa, chamados de feitorias, onde trocavam objetos pelo Pau Brasil que seria levado para a metrópole. Os contatos nem sempre eram



pacíficos, e por isso os povoados portugueses que foram construídos durante a pré-colonização no Norte e Nordeste do Brasil eram fechados com paliçadas de madeira para evitar ataques. O isolamento desses colonos, no entanto, que chegavam a esperar meses até que os navios voltassem da Europa com provisões, os forçou a buscar parceria com os índios para terem produtos alimentícios e tratarem suas doenças nas sessões de Fumaçadas com os Pajés.

Entre 1498 a 1532 os laços de confiabilidade e integração cultural entre nativos e portugueses haviam se estreitado, chegando mesmo a surgir Europeus que davam manifestações mediúnicas ("baixavam") índios ou Encantados. Com o crescimento da população portuguesa pela colonização, aumentou também o número de iniciados brancos e mestiços na Pajelança - muitos deles passando a viver dentro das comunidades de colonos.



Foi da agregação e do sincretismo entre o Catolicismo português, a Bruxaria Europeia e Pajelança que surgiu a Jurema Sagrada de Tupã ou Jurema Sagrada de Caboclo, cujas primeiras manifestações se deram entre 1532 e 1536. Tupã, segundo a lenda, era o nome de um índio irmão do cacique dos Tupinambás, nome que recebeu como homenagem ao grande Rei Tupã, Deus Supremo. O primeiro Reinado da Jurema Sagrada – local de habitação dos Encantados desta tradição no plano astral – também é denominado como Reino de Tupã ou Jurema de Caboclo.

A chegada dos Jesuítas, em março de 1549, muda a dinâmica desse sincretismo. Enfatizando a devoção a Jesus Cristo e a catequização dos nativos, os Jesuítas afirmaram que os rituais de Pajelança eram na verdade sessões demoníacas. Foi, então, imposto que todas as pessoas que estivessem praticando a Pajelança ou fazendo Catimbó¹ seriam assassinadas no local. Além disso, era proibido enterrar seus



corpos em cemitérios públicos, considerados campos santos que permitiriam o descanso das almas. A lápide desses perseguidos acabou sendo a principal árvore do culto, a Jurema Preta (mimosa hostilizes), que daí ganhou também o nome de Jurema Sagrada.

É preciso lembrar que o Brasil foi colonizado em pleno período da Inquisição Portuguesa, cuja influência direta foi sentida em nosso país por mais de três séculos. A atuação da Santa Inquisição amordaçou vários aspectos da nossa cultura, e temos múltiplos exemplos de “caça à literatura sediciosa” e de assassinatos daqueles considerados bruxos.

A Pajelança e principalmente o Catimbó eram palavras proibidas de aparecer em livros, e quem as falava devia fazê-lo escondido. Podemos considerar Portugal um pioneiro na censura literária em nome da defesa da fé e dos bons costumes.



Devemos considerar, também, que antes mesmo da instituição da Inquisição em Portugal, em 1536, o Estado português já demonstrava preocupação em cercear ideias consideradas como perigosas ao regime ou desafiadoras à cultura de exploração que se queria implantar nas terras da Colônia.

¹ Catimbó ou Caatimbó é o nome dado à fumaça que sai do cachimbo do pajé, ou às sessões de fumaçada e benzimento.

Zé Pelintra chegou.

chegou pra me ajudar!

Toda falange do mal.

Zé Pelintra

chegou pra derrubar!



A formação de Pernambuco

A colonização de Pernambuco, terra onde Zé Pelintra nasceu, teve início em 1501 quando a expedição do navegador Gaspar de Lemos fundou feitorias no litoral. Foi entre 1534 e 1536, que Dom João III, então rei de Portugal, instalou o sistema de Capitanias Hereditárias no Brasil, doando 14 lotes de terra para Donatários que deveriam explorar e colonizar as terras, fundar povoados, arrecadar impostos e estabelecer as regras do local. Assim, a capitania de Pernambuco - ou Capitania de Nova Lusitânia, como era chamada - foi parar nas mãos de Duarte Coelho, que em 1535 se estabeleceu no local e fundou a vila de Olinda, levando para lá os primeiros engenhos de açúcar da colônia.

A região se tornou uma potência mundial na exportação de açúcar, sendo responsável durante anos por mais da metade das exportações brasileiras. A prosperidade dos engenhos chamou a



atenção dos holandeses, que, entre 1630 e 1654, ocuparam toda a região sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais, tendo como representante o Conde Maurício de Nassau. Olinda foi incendiada nos ataques navais, e assim Recife se tornou a capital do Brasil holandês.

Nassau leva para Pernambuco uma forma de administrar inovadora, realiza inúmeras obras de urbanização, amplia a lavoura da cana e assegura a liberdade de culto - é nesse período que foi fundada, no Recife, a primeira sinagoga das Américas. A administração holandesa acaba por trazer um fluxo diversificado de europeus para o nordeste brasileiro. Amante das artes, Nassau tem na sua equipe inúmeros artistas, como Frans Post e Albert Eckhout, pioneiros na documentação visual da paisagem brasileira e do cotidiano dos seus habitantes.

Podemos mesmo dizer que muitos dos Mestres estrangeiros na linha da Jurema vieram para cá em



vida depois da invasão de Pernambuco pelos Holandeses. A Jurema Sagrada tem Encantados filhos de italianos, holandeses, turcos, franceses, espanhóis e portugueses, como Dom Sebastião, O Rei da Turquia pai de Mariana, uma cabocla mestra do Amazonas e Mestre João Português.

A coroa portuguesa continuou lutando contra a ocupação de Nassau, e, em 1645, teve início a Insurreição Pernambucana. Os holandeses se rendem em janeiro de 1654, mas sua administração já havia deixado marcas profundas em Recife, que se tornou uma próspera cidade comercial cheia de comerciantes e mascates. Isso acabou por ocasionar uma outra guerra contra Olinda, reduto dos senhores de engenho. Devido a divergências quanto à demarcação de novas vilas, em 1710, os moradores de Olinda invadem o Recife, dando início a chamada Guerra dos Mascates. O conflito só terminou com a chegada, em 1711, do novo governador da região.



Foi nesse cenário que José Pelintra nasceu coisa de 60 anos depois, na Vila do Cabo de São Agostinho - cerca de 42 quilômetros ao sul de Recife, no litoral. O local, que ainda era habitado pelos índios Caeté, começou como um Engenho chamado Madre de Deus, posteriormente conhecido como Engenho Velho, fundado por volta de 1560. O sucesso da plantação de cana fez com que mais sesmarias foram distribuídas na região, que foi elevada a paróquia em 1812 e chegou a cidade em julho de 1877.

No século XVI, antes de se tornar paróquia, mas já um centro de poder crescente e importante na região, o Engenho Madre de Deus mandou erigir a igreja de São Antônio, santo que seria a grande devoção da vida do então menino José de Aguiar. Era bastante comum que os senhores de engenho mandassem fazer locais de culto com o dinheiro do açúcar. A região do Engenho Velho teve ainda, por exemplo, a Igreja de Santo Amaro, onde muitos anos depois de



Seu Zé surgiu uma Mestra chamada Amara José, descendentes dos índios Caeté, e a Capela do Rosário dos Pretos, onde hoje é a Praça Theó Silva.

Atualmente, o município é reconhecido pelo Patrimônio Histórico Nacional como o mais antigo centro açucareiro da região, guardando um grande acervo histórico, cultural, religioso e arquitetônico. Além da importância histórica, o Cabo de Santo Agostinho é considerado o maior núcleo industrial de Pernambuco e um dos complexos industriais e portuários mais importantes do Brasil graças ao Porto de Suape.

Zé Pelintra.

Boêmio da Madrugada

Vem na linha das almas

e também na

Encruzilhada!



A vida mundana de Zé Pelintra

José de Aguiar Santana, nome de batismo daquele que viria a ser conhecido como Zé Pelintra, nasceu por volta de 1771, filho do português José de Aguiar Phelintra e de Maria de Santana, mestiça entre negros e europeus da Bulgária. Ele era o quarto filho do casal, e tinha por irmãos mais velhos Maria de Aguiar Santana (Maria Pelintra), Francisco de Aguiar Santana (Chico Pelintra) e Antônio de Aguiar Santana (Antônio Pelintra ou Caboclo Guapindaia no Tambor de Mina).

Pouco tempo depois do nascimento do caçula, José de Aguiar Phelintra abandonou a mulher e os filhos e voltou para Portugal. Maria de Santana, pobre e sozinha com quatro crianças não teve alternativa: espalhou os seus filhos no mundo e foi morar no Cabaré da cidade.

O menino José Aguiar cresceu se metendo em



confusões, bebendo e causando brigas por onde passava. Tanto o jovem Zé aprontou que seu nome ficou inexoravelmente ligado à malandragem e à boemia. Pelintra, corruptela do sobrenome Phelindra, acabou se tornando um nome pejorativo na região, significando um pobre que tentava se passar por rico ou um negro que, na época, “andava vestido como branco”. Na época, isso significava vestir um Terno Branco, chamado de Terno de Lírios, que era uma roupa que apenas os nobres e os ricos usavam.

Na adolescência, José saiu do Engenho Velho e foi morar na vila de Afogados da Ingazeira. Adulto, rumou para a Zona Boêmia de Recife, onde foi morar na Rua da Amargura. Passeou no cais do Porto de Santa Rita, nas Ruas do Beco da Malícia, no Bairro da Encruzilhada, no Bairro da Casa Amarela. Mas foi na Rua da Guia onde conheceu aquela que seria o grande amor da sua vida: Maria Luziara.



Maria Luziara, o grande amor de Seu Zé

“Na rua da amargura, onde seu Zé Pelintra morava, ele chorava por uma mulher, chorava por uma mulher, chorava por uma mulher que não lhe amava”.

Essa mulher se chamava Maria da Conceição de Alcatra, e era filha de um nobre português chamado João de Alcatra, posteriormente conhecido Mestre João Grande. Ela foi apelidada de Maria Luziara em referência às Altas Torres de sua terra natal, em Lusitânia, Portugal. Na época, essas três torres eram as mais altas da Europa, com 240 degraus e 76 metros de altura, e serviam de farol para as grandes embarcações que entravam e saíam do país.

Cantam um de seus Linhos:

“Meu Deus, valei-me nesta agonia, Valei-me nesta aflição, Sou a Mestra Maria Luziara, Princesa do Mestre João”.



*“Que campos tão verdes, meu gado todo espalhado,
eu venho de Altas Torres, venho juntando o meu gado”.*

Diz a história que ela chegou no Brasil junto da Família Real Portuguesa, que veio para cá em 1808 fugindo dos avanços de Napoleão pela Europa. Desembarcou em Salvador, na Bahia depois seguindo para a Cidade do Rio de Janeiro, no Estado da Guanabara. Segundo os antigos juremeiros, ela vem como amante do Rei Dom João VI, mas cai em desgraça quando o Rei volta para Portugal, em 1821, e é obrigada a ir para um prostíbulo.

Educada, nobre e muito bonita, Luziara é mandada para o prostíbulo mais famoso da Colônia, em Recife. No caminho, ela perde as últimas joias que tinha guardado da época em que era cortesã: num golpe de má sorte, elas caem no fundo do rio São Francisco.

*“Ganhei um colar de ouro foi um casado quem me deu,
(...)”*



"... na passagem do riacho Luziara perdeu. Perdeu, perdeu a sorte que o que o macho lhe deu..."

Foi no bordel da Rua da Guia, em Recife, que Luziara, ainda uma moça de 20 e poucos anos, conheceu Zé Pelintra, que devia contar então com quase 50 anos de idade. Foi amor à primeira vista por parte de Seu Zé. Luziara, tinha, no entanto, muitos outros pretendentes, alguns deles Mestres da Jurema Sagrada. Supõe-se inclusive que foi por intermédio de um de seus amantes que ela mesma acabou sendo iniciada e se tornando Mestra nessa tradição, embora não tenhamos um relato histórico de quando isso aconteceu e nem quem foi seu iniciador.

O fato é que os pretendentes da bela portuguesa da Rua da Guia frequentemente brigavam entre si. Em uma dessas brigas, todos acabaram sendo levados para a prisão – inclusive Luziara. Zé Pelintra ficou sabendo e vestiu a sua melhor roupa, foi até a delegacia e se apresentou como advogado. Com a



sua lábia passou o delegado para trás, liberando a amada.

Ela fugiu e ganhou terras na Serra da Borborema, onde foi viver de criação de gado. Dizem que quem as comprou foi Manoel Quebra Pedra, amigo de Zé Pelintra.

*....."aqui sou eu, aqui sou eu, aqui sou eu Manoel pedra.
(Bis).*

*"Eu comprei paguei,
Tive pena, na saída da fazenda,
Quando o garrote voou.
Se a vida é um suplício, Eu não tenho nada com isso.
E feliz de quem Deus marcou.
Aqui sou eu, aqui sou eu, aqui sou eu Manoel Quebra
Pedra. (Bis).
Sou eu, sou eu, Manoel quebra pedra. (Bis)"*

"Oh, Luziara mas que loucura! Deixaste o seu homem lá na rua da amargura? Na Amargura eu não deixei o meu Homem, deixei os falsos amigos que falavam de meu nome..."



Em vida - e depois como Encantada - Mestra Maria Luziara entrou para a Jurema Sagrada como uma entidade que só faz o bem. Ela é especialista em fazer trabalhos de casamento e harmonização de casais. Alegre, elegante e gentil, essa entidade às vezes conta de seu passado com Seu Zé na velha Recife quando é recebida nas sessões de Jurema.

Sen Zé!

Ele é mestre

na Aruanda

Garavá sua banda

Vem chegando devagar!



A iniciação na Jurema Sagrada

Se as relações do Preto Zé Pelintra com a polícia já não eram boas, pioraram muito quando descobriram que ele havia se fingido de advogado para enganar o delegado. Seu Zé foi obrigado a fugir, sertão adentro, com uma ordem de prisão na sua cola. Acabou se escondendo dentro de uma aldeia de índios Arataguis, hoje localizado no Acais (Paraíba), local que, na época, já era habitado por padres Franciscanos que cuidavam de reunir aldeias, dar terrenos e catequizar os nativos. Lá, ele encontrou o apoio e a amizade do cacique, batizado Inácio Gonçalves de Barros e posteriormente conhecido como Mestre Inácio.

A família de Mestre Inácio tinha uma grande tradição na Jurema. Sua irmã, Maria Gonçalves de Barros, conhecida por Maria Índia, era a dona das terras do Acais, as quais ganhou de Dom Pedro II. Foi ela quem deu início ao culto da Jurema no local, onde acabou



acolhendo inúmeras aldeias indígenas vindas do interior da Paraíba. O filho de Mestre Inácio, Carlos, também era um Mestre da Jurema, assim como e sua sobrinha, Maria Eugenia Guimarães, que ficaria conhecida como Maria do Acais II, após herdar as terras de sua tia.

Nenhum dos Juremeiros locais aceitava aquele senhor beberrão e arruaceiro, amigo do jogo, da farra, da música e dos festejos populares. Mestre Inácio, tranquilo e firme na sua grande sabedoria de juremeiro velho, viu em José Aguiar algo que os outros Mestre locais não viam, e o iniciou na Jurema Sagrada.

Zé Pelintra foi consagrado ao espírito de um Caboclo, que passou então a incorporar para fazer curas. Por esse motivo, originalmente, o chapéu de seu Zé traz uma pena como homenagem ao Caboclo que foi seu Guia, como canta o Lírio:



*"Eu trago a Pena do Meu Caboclo no meu Chapéu de Couro,
O Negro Zé Pelintra vai dominar seu coração.
O meu Mestre me diga um segredo seu?
Porque lá na Jurema quem duvidou morreu..."*

É aí, também, que José de Aguiar começa a ser conhecido como Preto Zé Pelintra ou Mestre do Chapéu de Couro¹, marca dos sertanejos boiadeiros que passou a usar depois de suas andanças pelo interior da Paraíba.

O grande ato de consagração à Jurema era realizado escondido dentro das matas, junto das árvores encantadas que na tradição eram chamadas de cidades de encanto. Tudo era feito com muito segredo e no maior silêncio possível, usando apenas o som baixo de maracás - afinal, se a polícia descobrisse todos poderiam ser mortos no ato. Amante de festas e de tambores, Zé Pelintra depois de iniciado teimou em levar o tambor para a Jurema,



e é por isso que algumas linhas da tradição usam esse instrumento africano hoje em dia.

Zé Pelintra começou sua vida na Jurema como um Mestre que fazia o bem e o mal, e seguiu fazendo curas e demandas até por volta de 1885, quando, aos 114, muda de casa uma última vez, indo descansar no extinto cemitério dos Afogados da Ingazeira.

Mas Seu Zé não sossegou nem no Além-Túmulo.

Segundo os Mestres que vieram depois dele, o Preto Zé, depois de passar certo tempo no limbo, recebeu permissão de voltar como Encantado para resgatar o mal que fez na terra, prestando a caridade enquanto espírito. Baixou a primeira vez em um médium chamado José Gomes da Silva, que atuava na Jurema Sagrada de Caboclo, entre 1926 e 1937.

A Juremeira Maria do Acais II reconheceu que Seu Zé foi o primeiro Mestre Preto a ser consagrado dentro



da Jurema de Caboclo, dando origem à Jurema de Maestria.

*"E Preto José Pelintra, nego do fel derramado.
Na direita ele e maneiro. Na Esquerda ele é pesado.
Quem mexer com que é dele, ou está doido ou está danado.
Ah, seu dotou, seu dotou,
Bravo senhor,
Zé Pelintra chegou.
Bravo Senhor. (Bis)."*

¹ Não confundir com o Boiadeiro Chapéu de Couro, dado que são entidades diferentes.



Os Discípulos de Seu Zé

Hoje em dia, segundo contam os Mestres da Jurema, o espírito de Zé Pelintra já ganhou muita luz e não baixa mais em médium nenhum, atuando somente a partir do Astral superior. No entanto, muitos de seus discípulos adotaram ou receberam a alcunha de Pelintra e seguem prestando caridade como Encantados.

José Gomes, o primeiro médium de seu Zé, nasceu próximo dos 1900 e foi um dos primeiros maquinistas do Brasil. Trabalhou na estação de trem na Vila do Cabo de São Agostinho, trecho da Estação Ferroviária de Recife ao São Francisco, uma das mais antigas do país, fundada em 1858. Os linhos que falam de um Zé Pelintra maquinista se referem a ele.

Outro caso de "xará" é o do Mestre José Francisco, que nasceu no Rio Grande do Norte e foi para a



Paraíba, onde também se consagrou ao Mestre Preto Zé Pelintra:

*“Eu rodei meu bom espaço numa hora do meio dia,
Eu roguei todas as correntes com o Rosário de Maria,
Sendo eu José Francisco por apelido Pelintra,
Ainda meio aperreado de uma vez eu mato 30
Minha mãe pegou Zé sacudiu dentro do rio com a
pedra no pescoço para deixa de ser vadio,
Minha mãe pegou Pelintra sacudiu dentro do poço
com a pedra no pescoço para deixa de ser teimoso.”*

Conforme conta o Linho, quando o Preto Zé Pelintra pousava na cabeça de seus discípulos e ficava muito tempo acostados ele acabava lavando-os para farrear nos lugares em que gostava de frequentar enquanto vivo. Assim, os médiuns acabavam eles mesmos ganhando o apelido de Zé Pelintra.

O sobrinho sanguíneo de seu Zé, José Aguiar Santos dos Anjos, também foi consagrado a ele. Durante a



vida ele carregou a mesma alcunha do tio, mas depois de morto se encantou e começou a baixar nos terreiros como Mestre Zé dos Anjos.

José de Santana, José da Proa, Zé da Encruzilhada, Zé Enganador, Zé da Pinga, Zé do Beco... Foram muitos os Juremeiros que em vida foram consagrados para o Mestre Preto Zé Pelintra, ganharam em vida o mesmo apelido, e hoje em dia baixam no lugar do seu Guia.



Zé Pelintra na Umbanda

Foi através de um de seus médiuns que seu Zé chegou no Rio de Janeiro. Contam que uma mulher que não conseguia ter filhos chegou nos pés do Mestre Preto Zé Pelintra, manifestado em um de seus discípulos, e pediu para que ele salvasse sua gestação mais recente. O Mestre concedeu o pedido, afirmando que a criança iria nascer e ser consagrada a ele.

Após o nascimento do menino, a família se mudou para a cidade do Rio de Janeiro, indo morar na Lapa. O menino, batizado José Pelintra da Silva, entrou para a Umbanda na adolescência e lá foi médium do Mestre Preto José Pelintra, mesmo sem ter sido consagrado na Jurema Sagrada.

José da Silva, como era costume entre os médiuns consagrados a seu Zé, começou a usar o terno



branco de seu Guia, mais uma camisa vermelha ou listada de preto e vermelho, adereço dos malandros da boemia no Arco da Lapa. Após sua morte, José da Silva se manifesta nos terreiros de Umbanda como Zé Pelintra da Lapa, criando assim uma linha de malandros da Umbanda.

É preciso lembrar que, apesar de sua grande força, essa corrente não é formada por Mestres da Jurema, pois José da Silva nunca foi iniciado nessa tradição. Sua missão era levar a força e o feitiço de seu Zé para os terreiros de Umbanda, prestando caridade no Rio de Janeiro. Zé Pelintra da Lapa não foi consagrado a Mestre nenhum, não foi iniciado no pé da Jurema Preta e por isso e no ato de sua morte não se Encantou e nem se tornou um Mestre de Jurema. Quando José Pelintra da Silva do Arco da Lapa baixa, ele vem como Exu de Quimbanda, sendo um forte Quimbandeiro.

Exu Malandro ou Zé Pelintra da Lapa são a mesma



entidade, que comanda a linha dos malandros, onde todos são exus. As muitas casas de Umbanda que atualmente trabalham com seu Zé Pelintra estão trabalhando com essa linha de exus malandros, e não com os Mestres Juremeiros. Não há, afinal, Mestres de Jurema na Umbanda, e nem Exu e Pomba Gira no Catimbó.

Em resumo, quando em uma casa de Umbanda uma entidade se apresentar como Zé Pelintra, saiba que é um exu da linha dos malandros. Se em uma casa de Jurema um Mestre se apresentar falando "eu sou Zé Pelintra", pode perguntar o seu nome de batismo, que nunca vai ser José de Aguiar. Quanto mais um Encantado faz pela humanidade, mais luz ele vai ganhando. O Mestre Preto Zé Pelintra já não desce mais em terra, de tanta luz que ganhou.

De terno branco

Seu punhal de aço puro

Seu ponto é seguro

Quando vem pra

Trabalhar!



Ferramentas de Culto

Antes de partirmos para as ferramentas de culto, vamos falar um pouco sobre a energia e o trabalho do Mestre Preto Zé Pelintra. Ele não foi um Mestre de sertão seco e árido, mas sim do litoral sertanejo, tendo uma profunda ligação profunda com o mesmo. Portanto, um dos lugares mais fortes para se conectar com o Mestre Zé Pelintra é à beira mar.

Além disso, em vida ele foi um grande devoto de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antônio, e é impossível compreender o culto a ele antes de falarmos destes santos. Estas são chaves muito importantes, que mostrarão aos bons entendedores até onde pode chegar o poder de atuação do seu Zé.



Nossa Senhora do Carmo

A palavra Carmo, que significa jardim, corresponde ao monte do Carmo ou monte Carmelo, em Israel, onde o profeta Elias se refugiou. O culto a Nossa Senhora do Carmo tem origem no século XII, quando se um grupo de eremitas começou a se formar neste monte, na Terra Santa da Palestina, ao lado da fonte de Elias. Lá eles construíram uma pequena capela dedicada à Senhora do Carmo, ou Nossa Senhora do Carmelo e iniciaram um estilo de vida simples e pobre que se estendeu ao mundo todo.

A Ordem dos Carmelitas, como ficou conhecida, venera com carinho o profeta Elias como seu patriarca, e a Virgem Maria com o título de Bem-Aventurada Virgem do Carmo. Foram obrigados a ir para a Europa fugindo da perseguição dos muçulmanos e a partir daí o culto se espalhou, chegando até a América Latina.



Aparição de Nossa Senhora do Carmo à São Simão

São Simão Stock era um dos mais piedosos carmelitas que vivia na Inglaterra. Vendo a Ordem ser perseguida até estar prestes a ser eliminada, ele pediu socorro à Nossa Senhora do Carmo.

Sua oração, que os Carmelitas usam até hoje, foi a seguinte:

"Flor do Carmelo, vide florida. Esplendor do Céu. Virgem Mãe incomparável. Doce Mãe, mas sempre virgem. Sede propícia aos Carmelitas. Ó Estrela do mar".

Então Maria Santíssima, rodeada de anjos, apareceu para São Simão, entregou-lhe Seu Escapulário e lhe disse:



"Recebe, meu filho muito amado, este escapulário de tua ordem, sinal do meu amor, privilégio para ti e para todos os Carmelitas. Quem com ele morrer não se perderá. Eis aqui um sinal da minha aliança, salvação nos perigos, aliança de paz e amor eterno".

A partir desse milagre, o escapulário passou a fazer parte do hábito desta Ordem.



O Escapulário

A palavra escapulário, vem do latim escápula, que significa armadura, proteção. Segundo o 2º Concílio do Vaticano, ele é um Sacramental, um sinal sagrado, obtendo efeitos de proteção da Igreja Católica. É uma realidade visível que nos conduz ao Deus invisível.

O escapulário de Nossa Senhora do Carmo é uma forma de devoção a Maria Santíssima, e seu uso é um sinal de confiança. A pessoa que o usa é coberta com a proteção e as graças da Virgem. Santa Tereza dizia que “portar o escapulário, era estar vestida com o hábito de Nossa Senhora”.

Em algumas representações, o menino Jesus no colo da imagem de Nossa Senhora do Carmo também segura um escapulário. Isso significa que Nosso Senhor Jesus Cristo endossa as palavras de Nossa Senhora sobre este Sacramental.



A imagem de Nossa Senhora do Carmo, padroeira dos Carmelitas, tem outros vários símbolos, todos interessantes e significativos para a nossa vida espiritual.

Vejamos.



O hábito marrom de Nossa Senhora do Carmo

O hábito marrom de Nossa Senhora do Carmo é o hábito da Ordem Carmelita, tanto no ramo masculino, quanto feminino. Na aparição que Nossa Senhora fez a São Simão, era com este hábito que ela estava vestida.



O hábito branco de Nossa Senhora do Carmo

A Ordem dos Carmelitas tem uma ligação espiritual profunda com o Monte Carmelo em Israel. Neste local, o profeta Elias esteve na presença de Deus e recebeu Dele o dom da profecia, tendo sua vida se transformada. Foi também neste local, que, pressentindo sua morte, viu que era hora de passar o poder profético que Deus tinha lhe dado a seu discípulo Eliseu. Assim, Elias colocou sobre Eliseu o seu Manto Branco, simbolizando que ele passava sua missão de profeta para seu discípulo.

Esta é a origem do Manto Branco que os Carmelitas usam nas cerimônias religiosas. Nossa Senhora Aparece à São Simão vestindo o Manto Branco sobre o hábito carmelita, significando que ela passava a missão profética de viver segundo o Evangelho a todos os Carmelitas e a todos os devotos de Nossa Senhora do Carmo.



O Menino Jesus no colo de Nossa Senhora do Carmo

O Menino Jesus no colo de Nossa Senhora do Carmo tem três significados. O primeiro é ela, como Mãe, apresentando Jesus ao mundo. O segundo é que, com sua mão direita em gesto de bênção, o Menino Jesus está abençoando a humanidade. E o terceiro é que estando o Ele com uma túnica branca, Jesus também passa a missão de viver o Evangelho aos Carmelitas e aos devotos de Nossa Senhora do Carmo.



A coroa de Nossa Senhora do Carmo

Rodeada de estrelas e uma aura brilhante, a coroa de Nossa Senhora do Carmo simboliza a realeza da Mãe de Jesus. Significa que, como rainha do céu e da terra, a Virgem Maria pode interceder por todos aqueles que recorrerem a ela em oração, especialmente os Carmelitas e os devotos de Nossa Senhora do Carmo.



Os pés de Maria sobre o mundo

Os pés de Nossa Senhora do Carmo estão sobre o globo terrestre, simbolizando que a mensagem da Virgem deve chegar a todos os povos, a todos os cantos da terra. A Salvação de Jesus, da qual Nossa Senhora é portadora, deve chegar a todos os lugares do mundo.



Oração à Nossa Senhora do Carmo

Senhora do Carmo, Rainha dos anjos, canal das mais ternas mercês de Deus para com os homens. Refúgio e advogada dos pecadores, com confiança eu me prostro diante de vós, suplicando-vos que obtenhais a graça que necessito, (pede-se a graça). Em reconhecimento, solenemente prometo recorrer a vós em todas as minhas dificuldades, sofrimentos e tentações, e farei de tudo que ao meu alcance estiver, a fim de induzir outros a amar-vos, reverenciar-vos e invocar-vos em todas as suas necessidades.

Agradeço as inúmeras bênçãos que tenho recebido de vossa mercê e poderosa intercessão.

Continuai a ser meu escudo nos perigos, minha guia na vida e minha consolação na hora da morte. Amém. Nossa Senhora do Carmo, advogado dos pecadores mais abandonados, rogai pela alma do pecador mais abandonado do mundo. Ó Senhora, rogai por nós que recorremos a vós.



Zé Pelintra e Nossa Senhora do Carmo

Para quem trabalha com Zé Pelintra e quer ter um símbolo de proteção poderosíssimo ao seu dispor, vá a uma igreja de Nossa Senhora do Carmo, obtenha um escapulário em tecido e peça para um padre carmelita abençoá-lo. Esta proteção irá auxiliá-lo em todos os momentos de sua vida e com certeza Zé Pelintra estará muito satisfeito com a sua aquisição, que ajudará muito em sua proteção pessoal e na ligação com seu Zé.

Agora vamos saber mais sobre Santo Antônio o outro grande padroeiro de Zé Pelintra.



História de Santo Antônio

Santo Antônio ou Fernando Antônio de Bulhões, seu nome de batismo, nasceu em Lisboa, Portugal, em 15 de agosto do ano de 1195. De família nobre e rica, era filho único de Martinho de Bulhões, oficial do exército de Dom Afonso, e de Tereza Taveira. Sua formação inicial foi feita pelos cônegos da Catedral de Lisboa.

Desde jovem, o rapaz gostava de estudar e ficar recolhido. Aos 19 anos entrou para o Mosteiro de São Vicente dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, contra a vontade de seu pai. Morou lá por 2 anos. Com uma grande biblioteca em mãos, Antônio avança pelo estudo e pela oração. É transferido para Coimbra, um importante centro de estudos de Portugal, ficando lá por 10 anos. Lá, ele é ordenado sacerdote e seus irmãos de ordem logo percebem o dom da palavra que transbordava do jovem padre agostiniano.



Antônio torna-se Franciscano

Em Coimbra, o então padre Antônio conhece os freis franciscanos, entusiasma-se pelo fervor e radicalidade com que estes viviam o Evangelho e torna-se Frei Antônio, mudando-se para o mosteiro de São Francisco de Assis.

Ele pede para ir para o Marrocos pregar o Evangelho, e os Franciscanos permitem. No meio do caminho, porém, fica muito doente e é forçado a voltar para Portugal. Na viagem de volta, o barco é desviado e vai para Itália, terminando por parar na Sicília, em um grande encontro de mais de 5 mil frades franciscanos chamado Capítulo das Esteiras.

A mão de Deus o tinha guiado por caminhos diferentes, levando Antônio para conhecer pessoalmente São Francisco de Assis. Após esse encontro, ele passa 15 meses como um eremita no monte Paolo. A força irresistível que ele tinha com as palavras fez com que São Francisco o nomeasse



como primeiro leitor de Teologia da Ordem, encarregando-o da formação teológica dos irmãos do Mosteiro. Por vezes, suas pregações juntavam mais de 30 mil pessoas, e faziam acontecer muitos milagres.

Após a morte de São Francisco, Antônio é enviado a Roma para apresentar ao Papa a Regra da Ordem de São Francisco. O Papa Gregório IX, impressionado com sua inteligência e eloquência, o chama de Arca do Testamento.



Falecimento

Santo Antônio morreu em Pádua, na Itália, em 13 de Junho de 1231, com 36 anos. Por isso ele é conhecido também como Santo Antônio de Pádua.

Antes de falecer nas portas de Pádua, Santo Antônio diz: "ó Virgem gloriosa que estais acima das estrelas". E completou, "estou vendo o meu Senhor".

Os meninos da cidade logo saíram a dar a notícia: o Santo morreu. E em Lisboa os sinos das igrejas começaram a repicar sozinhos e só depois o povo soube da sua morte. Ele também é chamado de Santo Antônio de Lisboa, por ser sua cidade de origem.



Milagres de Santo Antônio

Protetor das coisas perdidas, protetor dos casamentos e protetor dos pobres, Santo Antônio é o Santo dos milagres. Fez muitos ainda em vida. Durante suas pregações nas praças e igrejas, muitos cegos, surdos, coxos e muitos doentes ficavam curados. Redigiu os Sermões, tratados sobre a quaresma e os evangelhos, que estão impressos em dois grandes volumes.

Aconteceram tantos milagres após sua morte, que, onze meses após seu falecimento ele foi beatificado e canonizado pelo Papa Gregório IX, na catedral de Espoleto, em 30 de maio de 1232. Foi o processo de canonização mais rápido da história da Igreja.

Quando seu corpo foi exumado, sua língua estava intacta. São Boaventura estava presente e disse que esse milagre era a prova de que sua pregação era inspirada por Deus. Ela está exposta até hoje na



Basílica de Santo Antônio, na cidade de Pádua.

Em 1934 ele foi declarado Santo Padroeiro de Portugal, e em 1946 foi proclamado Doutor da Igreja pelo Papa Pio XII.



Oração à Santo Antônio

Meu querido Santo Antônio dos mais carinhosos, o vosso ardente amor a Deus, as vossas sublimes virtudes e grande caridade para o próximo, vos mereceram durante a vida o poder de fazer milagres espantosos.

Nada vos era impossível senão deixar de sentir compaixão pelos que necessitavam da vossa eficaz intercessão.

A vós recorreremos e vos imploramos que nos obtenhais a graça especial que nesse momento pedimos.

Ó bondoso e santo taumaturgo, cujo coração estava sempre cheio de simpatia pelos homens, segredai as nossas preces ao Menino Jesus, que tanto gostava de repousar nos vossos braços.

Uma palavra vossa nos obterá as mercês que pedimos.



Responsório de Santo Antônio

*Se milagres desejais
Recorrei a Santo Antônio
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais.
Recupera-se o perdido
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.
Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro a morte
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo sã.
Todos os males humanos
Se moderam e retiram
Digam-no aqueles que o viram
E digam-nos os paduanos.
Rogai por nós Santo Antônio, para que sejamos dignos
das promessas de Cristo.*

Aos filhos de Zé Pelintra ou aos seus devotos, nunca esqueçam de rezar o responsório de Santo Antônio para obter proteção ao seu lar contra qualquer magia negativa que possa tentar chegar até você e sua família.

Vi, eu vi!

De vermelho e branco

descendo a ladeira!

Com ginga de malandro

e mestre capoeira!



Culto à Zé da Luz

Como já dissemos, depois de muitas décadas de trabalho como Mestre da Jurema, Zé Pelintra ascendeu tanto que transcendeu sua forma de Mestre como o conhecemos até hoje. Uma corrente juremeira muito discreta cria então o culto à Zé da Luz pois acreditam que o velho Mestre hoje em dia não trabalha mais acostado em ninguém. Para eles, Zé da Luz não tem nem mais forma humana, sendo apenas visualizado como uma grande Luz Branca a iluminar a todos que a ele recorrem com amor e fé.

Para entrar em contato com Zé da luz, basta colocar em uma mesa uma toalha branca limpa, um copo de água mineral - que não necessita ser virgem - e uma vela de cera de abelha.

Acenda a vela e a coloque no centro da mesa com a toalha branca, na frente da vela deixe o copo de água mineral e sente-se confortavelmente em uma cadeira.



Respire fundo e reze três Pais Nossos, três Ave Marias e três Salve Rainhas.

Depois de rezar, peça o que quiser a Zé da Luz, lembrando que essa entidade só faz o bem, e fique em estado meditativo por pelo menos 10 minutos. Após este período, beba devagar a água que está no copo. Quando terminar, agradeça a Deus, à Nossa Senhora do Carmo, a Santo Antônio e a Zé da Luz por ter te abençoado neste momento.

Apague a vela e repita o processo por sete dias seguidos.

Temos certeza que você sentirá as bênçãos desta poderosa conexão.

No sétimo dia deixe a vela queimar até o final, guarde o copo e a toalha para repetir o ritual quando sentir necessidade em seu coração.

Salve Sr. Zé da Luz!



Firmezas e Assentamentos de Zé Pelintra na Umbanda

Antes de começarmos, dois avisos:

- Não faça assentamentos em casa! Eles são indicados apenas para terreiros e templos!
- Não mude nenhum elemento! Todos os elementos colocados têm um fundamento específico e não devem ser substituídos por nenhum outro.



Assentamento de esquerda na força de Zé Pelintra para templos umbandistas

Materiais:

- Um punhal de aço;
- Uma cumbuca de barro simples;
- Sete pedras de rio;
- Uma tábua em madeira de 30x30 cm.
- Uma garrafa de cachaça;
- Um bom charuto;
- Sete velas brancas palito.

Modo de Preparo:

Lave todos os materiais com cachaça e deixe secando.

Quando secar, coloque a tábua em um lugar onde ninguém tenha acesso e nem veja.

Em cima da tabua no meio dela coloque a cumbuca vazia e ao lado dela as sete pedras.

Deixe também ao lado da cumbuca o punhal que deverá estar deitado e não fincado.



Como ativar:

Acenda uma vela branca do lado esquerdo da cumbuca e coloque ao lado da vela um copo de cachaça.

Durante sete dias e no mesmo horário, podendo fazer em Lua cheia ou crescente você deverá sentar-se em frente a cumbuca, acender um bom charuto pagar uma das sete pedras na mão e baforar a pedra com a fumaça do charuto pensando no Sr. Zé Pelintra. Pense e sinta a presença dele neste momento. Depois de baforar a pedra coloque-a dentro da cumbuca e bafore com a fumaça dentro da cumbuca também mantendo sempre a concentração.

Feito isso no primeiro dia deixe a vela queimar até o fim e volte e faça o mesmo procedimento com uma pedra diferente todo dia até que o sétimo dia chegue.

Vamos dar aqui uma sequência de pedidos para que seu assentamento tenha um poder bem característico da força de Zé Pelintra:



Primeiro dia: Saravá Sr. Zé Pelintra! Estou aqui lhe chamando para que possas irradiar o seu poder de proteção neste assentamento que faço com devoção a vós! Esteja sempre ao meu lado para que quando eu necessite o Sr. possa estar aqui comigo protegendo a mim, ao meu templo e a todos os que nele pisarem!

Proteção Sr. Zé! Proteção Sr. Zé! Proteção sr. Zé!
Salve suas forças!

Segundo dia: faça uma oração parecida mas peça saúde para você, para o templo e todos que lá pisarem

Terceiro dia: peça amor para você, para o Templo e para todos os que pisarem.

Quarto dia: peça prosperidade para você, para o templo e para todos que lá pisarem.

Quinto dia: peça sorte para você, para o templo e para todos que lá pisarem.

Sexto e sétimo dia: peça tudo o que descrevemos acima, do primeiro ao quarto dia com muita concentração.

No sétimo dia, quando colocar a sétima pedra, dê



uma baforada na cumbuca, coloque um pouco de cachaça molhando as sete pedras dentro da cumbuca e bata três palmas fortes. Pegue o punhal de aço e finque ele bem na frente da cumbuca - este punhal selará o ritual e você terá em mãos um poderoso assentamento de Sr. Zé Pelintra.

Se desejar, você pode colocar uma imagem de gesso tradicional do Sr. Zé pelintra dentro da cumbuca, que deverá ser colocada desde o primeiro dia.

Quanto mais você "alimentar" o assentamento com concentração, fumaça do charuto, luz de vela sempre branca e cachaça, mais ele se tornara forte e mais aumentará o seu poder de atuação.



Assentamento de Zé Pelintra na vibração da Linha das Almas para templos umbandistas

Materiais:

- Uma imagem tradicional de Zé Pelintra em gesso;
- Uma cumbuca de barro simples;
- Três dados;
- Um jogo de cartas de baralho;
- Um punhal em aço;
- Uma tábua de 30x30 cm;
- Um cachimbo de jurema;
- Fumo de rolo forte para o cachimbo;
- Uma garrafa de cachaça;
- Um solitário para colocar uma flor de cravo vermelha;
- Um bom charuto;
- Sete pregos de linha de trem ou parafusos de linha férrea.



Montagem:

Este assentamento deve ficar ou no altar principal ou em uma mesinha com toalha branca à direita de quem olha de frente para o altar ou à esquerda do altar em relação ao templo.

Lave todos os materiais com água corrente, menos os que não puderem ser molhados.

Limpe a imagem de Sr. Zé Pelintra com água de cheiro ou alfazema e já comece a rezar pedindo que Sr. Zé se aproxime neste momento especial e deposite todo o seu axé neste assentamento que está sendo preparado.

Pegue a cumbuca já lavada e seca e coloque em frente a imagem de Zé Pelintra.

Dentro da cumbuca coloque os dados e as cartas de maneira a ficar bonito e de bom gosto.

Os dados e o baralho simbolizam o jogo da vida, os seus ciclos de ganhar ou perder, sorte ou azar. Colocar estes elementos na cumbuca de Sr. Zé mostra que você estará preparado para jogar o jogo da vida e estará disposto a perder para ganhar mais, a



ter sorte para eliminar o azar e assim por diante.

Coloque do lado direito da cumbuca o solitário com um cravo vermelho. Este cravo jamais deverá faltar e nunca poderá permanecer morto ou seco dentro do solitário.

Do lado esquerdo da cumbuca para quem olha de frente a imagem do Sr. Zé, coloque o copo com a cachaça e o charuto de boa qualidade.

Aos pés da imagem de Sr. Zé coloque o cachimbo com o fumo dentro, ofertando a ele o cachimbo e o fumo sem acender.

Na frente da cumbuca um pouco mais para o lado esquerdo, finque o punhal; na frente mais para o lado direito acenda uma vela de sete dias branca.

Em volta de todo assentamento coloque os sete pregos ou parafusos de linha férrea como que circulando o assentamento todo.

O assentamento está pronto, esteticamente falando.



Como ativar:

Para ativá-lo você deve acender o charuto, baforar a imagem e todos os elementos do assentamento com calma e concentração.

Sente-se diante do assentamento e reze três pais nossos, três aves maria, três orações a Nossa Senhora do Carmo e três orações a Santo Antônio.

Depois de rezar, peça o que quiser à Sr. Zé Pelintra.

É preciso fazer esse ritual de ativação durante sete dias seguidos para ativar o assentamento, e uma vez por semana pelo menos para mantê-lo ativo.



Firmeza para Zé Pelintra para se fazer em casa

Materiais:

- Uma prateleira do tamanho que desejar mas deverá ser colocada acima de sua cabeça em qualquer lugar da casa menos no banheiro;
- Uma toalha branca para forrar a prateleira;
- Um solitário para colocar uma flor de cravo;
- Um cravo vermelho;
- Um charuto de boa qualidade;
- Um copo de cachaça;
- Uma vela branca;
- Uma imagem de Zé Pelintra tradicional.

Preparo:

Em cima da prateleira coloque a imagem de Sr. Zé Pelintra.

À direita para quem está em frente à imagem coloque o solitário com o cravo vermelho dentro.

À esquerda um cinzeiro com o charuto e um copo de



cachaça

Na frente da imagem acenda uma vela palito branca.

Como ativar:

Acenda a vela branca e o charuto.

Bafore todos os elementos da firmeza e reze para Sr. Zé uma oração do fundo de seu coração.

Também pode rezar, se desejar, a oração de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antônio, seguido de um Pai Nosso e uma Ave Maria. Depois faça um pedido ou converse sinceramente com seu Zé.

Faça isso por sete dias seguidos quando montar a firmeza, e depois uma vez por semana, sábado ou segunda feira, para manter a firmeza ativa.

Pode ser feito dentro ou fora de casa e não se deve acrescentar e nem substituir elementos.

Pense bem antes de fazer esta firmeza, e só a faça se realmente for devoto ou se trabalhar com Sr. Zé Pelintra.



E para terminar deixaremos aqui uma oração a este grande mestre!

Saravá, Sr. Zé Pelintra!

Em nome de Deus e em nome de Jesus Cristo!

Eu saúdo a vós, malandro divino!

Da Jurema à Umbanda, da Umbanda para o mundo.

Tu és caridade e amor para mim e para todos que o procuram com fé e muito amor.

No desespero dos meus erros, lá está vós a me ensinar.

Me ensinar que errar é humano e que só me resta levantar.

E nos meus acertos sempre está aqui para me falar que acerto só é acerto mesmo se eu continuar a caminhar

Caminhos e mais caminhos nós vamos juntos caminhar

Porque para Deus nosso caminho é divino e para mim ter o senhor no meu caminho é o maior presente que o criador pode me dar



Fé, Amor e Esperança nunca hão de me faltar.
Pois meu companheiro é Zé Pelintra é sei que estou
seguro no meu caminhar.

Assim seja! Assim seja! Assim seja!



Bibliografia

- História de Zé Pelintra, contada por Mestre Neto Juremeiro
- História de Santa Clara e Santo Antônio em www.cruzterrasanta.com.br
- Culto à Zé da Luz e assentamentos: Marcel Oliveira
- Portal da Justiça Federal de Pernambuco
- Portal do Governo do estado de Pernambuco

Malandro,

Seu caminho é tão lindo!

Malandro,

A noite lhe chama!

